

# Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: O Caso dos Banheiros Públicos nas Cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)<sup>1</sup>

*Spatial Practices Related to Homoerotic "Cruising": The Case of the Public Toilets in the Cities of Presidente Prudente (SP) and Vitória da Conquista (BA)*

**Benhur Pinós da Costa**

Universidade Federal de Santa Maria  
benpinos@gmail.com

## Resumo

'Pegação' é conhecida popularmente entre sujeitos LGBT's como ações para fins sexuais que vão desde o flerte até os atos sexuais propriamente ditos. Neste artigo observamos que existem códigos de comportamentos vinculados à 'pegação', assim como ela inscreve uma geografia específica que organiza lugares, trajetos e circuitos urbanos específicos. A 'pegação' além de simples diversão e exercício do desejo existe vinculada à transgressão de um conjunto de instituições e materialidades heteronormativas. Tais ações são singularidades de vivências espaciais assim como organizam espacialidades singulares. Elas existem em diferentes contextos urbanos e, neste artigo, desenvolvemos análises de casos observados nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA). Procura-se desenvolver aqui um estudo fenomênico sobre as ações de 'pegação' cujos dados demonstrados referem-se à experiência do pesquisador nas ações e nos contextos evidenciados.

Palavras-chaves: 'Pegação'; Homoafetividades; Fenomenologia; Geografia; Vitória da Conquista; Presidente Prudente.

## Abstract

'Cruising' is popularly known among LGBT subjects as actions targeted towards sexual purposes, ranging from flirtation to sexual acts themselves. In this paper we observe that there are some codes of behavior related to 'cruising', and that it draws up a specific geography that organizes specific places, ways and urban circuits. The 'cruising', beyond a simple enjoyment and an exercise of desire, is linked to the transgression of a set of institutions and heteronormative materialities. Such actions are spatial experience singularities as well as they organize unique spatialities. They exist in different urban contexts, and, in this paper, we analyze some case studies gathered in the cities of Presidente Prudente (SP) and Vitória da Conquista (BA), Brazil. We seek to develop here a phenomenological study on 'cruising', whose data refer to the researcher's experience in the actions and contexts highlighted.

Keywords: 'Cruising'; Homoaffectivity; Phenomenology; Geography; Vitória da Conquista; Presidente Prudente.



## **Introdução**

Este ensaio apresenta o desafio de teorizar sobre as práticas espaciais homoeróticas, enfocando principalmente à prática da 'espreita' e a efetivação do ato sexual entre sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo. Esta prática se refere a (homo) erotização do espaço (público, privado, semi-público), a qual ativa marcadores que referenciam lugares e trajetos propensos ao encontro sexual. A prática da 'espreita' pode ser entendida como uma atividade de 'paquera'<sup>2</sup> sigilosa e discreta, porém muito atenta aos sinais da disponibilidade sexual do outro que convive ou passa no mesmo espaço. Chamamos essa prática espacial (que envolve subjetividades, desejos e interações sociais vinculadas ao homoerotismo) de 'pegação'<sup>3</sup> (utilizando assim o termo popularizado entre sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo). A 'pegação', dessa forma, é uma ação condicionada a uma intenção (desejo e erotismo) do sujeito e, ao mesmo tempo, significado como 'transgressora' aos modelos de comportamento heteronormativos da privação do sexo ao amor romântico e às condições familiares. Neste sentido, ela se refere a um comportamento que denota condições especiais de convivência em espaço social, ou seja, a determinadas ações intencionais dos sujeitos (busca sexual e um conjunto de marcadores subjetivos sobre suas definições e pré-disposições afetivo-sexuais) e possibilidades espaço-interacionais (movimentação por um conjunto de interdições e disposições para determinados marcadores subjetivos e desejantes). A teorização sobre a 'pegação' no âmbito da Geografia e deste trabalho se justifica pelas seguintes questões:

a) o primeiro sentido remete a uma condição de significação e representação social sobre uma sexualidade que ainda é

vista como transgressiva em relação a um modelo hegemônico (sobre isto, nos desdobramos desde Costa, 2002), mas, com certeza, o uso dos termos 'transgressivo' e 'hegemônico' se deve a brilhante contribuição de Silva (2009) à formação das Geografias Feministas no Brasil, assim como a ideia de heteronormatividade - a heterossexualidade como norma sexual - de Michael Warner - apud MISKOLCI, 2009). Este imperativo infere a impossibilidade de livre expressão dos desejos e afetividades homoeróticas em diferentes âmbitos da sociedade moderna. Assim, o encontro afetivo-sexual é inviabilizado e invisibilizado perante os demais atores e instituições sociais, denotando uma necessidade tática de camuflagem dos sujeitos sobre as suas expressões afetivo-sexuais homoeróticas. Neste sentido, além do espaço se/e configurar padrões de comportamentos de gênero e expressões de sexualidade marcada e rígida, também existem possibilidades (mesmo camufladas e invisibilizadas) de marcações transgressivas que ocorreram (efêmeras e discretas como que 'subterrâneas' – utilizando a expressão de Maffesoli (2002) – ao espaço social);

b) além do sentido normativo dos gêneros e da sexualidade, estudos como de Nestor Perlongher (1987 e 2005) e Richard Parker (2002) apontam para a existência de práticas de 'deriva' homoeróticas no espaço público (aqui também podemos falar de práticas de 'derivas' homoeróticas em espaços semi-públicos e privados, como shoppings, cinemas, centros comerciais e galerias, lojas de departamentos e supermercados), que representam um constante caminhar de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo 'por entre a multidão' ou por 'cantos' e 'pedaços' pouco movimentados da cidade, no intuito de 'pegação'. Essas 'derivas' remetem a marcadores espaciais informais

## Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

cujas práticas de 'pegação' são somente significadas e percebidas por tais sujeitos, muitas vezes pouco percebidas ou ignoradas por outros. No entanto, estes agenciamentos (GIDDENS, 2002) podem conter outros tipos de interações paralelas e/ou transversais às atividades (homo) eróticas, ligando-se, muitas vezes, às economias da prostituição ou certas intenções de furtos, roubos e, até mesmo, certos comportamentos homofóbicos. Neste sentido, há limites muito tênues entre a especialização da interação relativa à busca afetivo-sexual e outras atividades de sujeitos não exatamente vinculados a esta intuição. Outro fator também relevante é o caráter das identificações dos sujeitos representados na interação. A 'pegação', a que nos referimos, apresenta um caráter homoerótico (vinculado a relações afetivo-sexuais entre os sexos idênticos), mas não necessariamente se identifica rigidamente como gay (palavra usada popularmente para designar sujeitos conscientes e que mais rigidamente se identificam como homossexuais). Os marcadores espaciais de 'pegação' (trajetos, pontos e lugares específicos do espaço urbano) abrigam uma variabilidade de possibilidades de expressões e performances corporais de gênero e de sexualidade de diferentes sujeitos e isto tanto inclui uma variabilidade de figuras do mundo LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), assim como uma gama de sujeitos que conscientemente não se identificam com este rol LGBT, como, por exemplo, os homens que fazem sexo (esporadicamente ou mais assiduamente) com outros homens (HSH, tão bem explicados em Silva, 2013). A prática espacial da 'pegação' é aquela além dos espaços privados das boates e bares GLS (embora muitos bares e boates apresentem sempre a reprodução de espaços marcados para práticas sexuais mais incisivas, como as *darks rooms* em boates e espaços para sexo coletivos e em saunas e locadoras

de vídeos<sup>4</sup>), representando uma variabilidade de lugares e trajetos que ligam espaços públicos e privados cujas atividades denotam uma homoerotização do espaço intencionada por determinado grupos de sujeitos;

c) a terceira motivação que justifica esta escrita é a posicionalidade pessoal e profissional do próprio autor (ver também Costa, 2011) que traduz experiências pessoais organizadas por um olhar intencional acadêmico e geográfico e que se admira pela diversidades de possibilidade espaciais referentes as práticas de 'pegação' homoerótica, principalmente, em espaço público. Neste sentido, este trabalho traduz as próprias vivências do autor que confunde, propositalmente, personalidade e profissionalismo nas atividades de pesquisa. Efetivamente este ensaio representa um dos caminhos trilhados pela pesquisa vinculada ao edital Universal CNPq 2012, intitulada 'Cidades brasileiras, espaço público e diversidades culturais: o caso das microterritorializações de expressões homoeróticas e/ou homoafetivas', que procura entender as convivências homoafetivas em algumas cidades médias no Brasil e as táticas, expressões e convivências em espaços urbanos carentes ou com mercado GLS pouco desenvolvido. Neste sentido, apresentamos especificadamente as práticas de 'pegação' em espaço público e principalmente vinculadas aos marcadores espaciais banheiros públicos, que observamos nas cidades de Presidente Prudente (Estado de São Paulo) e Vitória da Conquista (Estado da Bahia). Além disto, também iremos desenvolver algumas concepções teóricas que remetem a necessidade do autor organizar um conjunto referencial baseado principalmente nos estudos do cotidiano (no caso uma tentativa de leitura de Michel De Certeau (1994) e suas relações com a Geografia), com a fenomenologia (principalmente baseando-se

## Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

no livro de Alfred Schütz ('sobre fenomenologia e relações sociais') e no esforço de Wolf Dietrich Sahr no desenvolvimento de uma teoria sobre a Geografia da Ação. Estas concepções teóricas relacionadas ao enfoque sobre a "pegação" homoerótica serão desenvolvidas a seguir.

### Paradoxos da Prática Espacial da 'Pegação': Táticas Discordantes da Heterossexualização Compulsória do Espaço

A prática espacial da 'pegação' homoerótica apresenta-se em primeiro momento discordante da condição heteronormativa (WARNER apud MISKOLCI, 2009) que rege as relações e interações sociais públicas e privadas. Assim, a característica da marcação espacial aponta a condição transgressiva dessas práticas em relação ao estabelecimento de um campo hegemônico heterossexual que rege os comportamentos, as expressões, os desejos e afetividades socialmente construídos. Neste sentido, o que se apresenta é uma espacialidade paradoxal (nos moldes da argumentação de Silva (2009) que traz para a Geografia Brasileira esta noção atenta da leitura das Geografias Feministas anglo-saxãs) cujos sentidos fundamentais apresentam-se no caráter camuflado e discreto das práticas e comportamentos espaciais que remetem a construção subjetiva e socialmente instaurada da homossexualidade como transgressão. No entanto, em outro plano, o que se estabelece é um jogo de espontaneidades em interação, cujos sentidos vividos no momento 'aqui e agora' dos jogos de sedução se traduzem em um misto de possibilidades de expressões que se produzem ao acaso.

Esses jogos de sedução estabelecidos como práticas espaciais de 'pegação' tanto apontam para a continuidade e reprodução de

certos valores retirados do campo de comportamentos heteronormativos (como certos parâmetros de expressão de gênero e de práticas sexuais mais masculinas ou mais femininas) como o acaso do desejo que aflora entre determinado dupla ou grupo de interação sexual (que rompe as determinações de comportamento sexual e ativa surpreendentemente a forma de agir do sujeito em interação, tornando difusos suas padronizações comportamentais subjetivamente construídas quanto a si mesmo). As relações espaciais apontam para uma forte interação ao campo espacial hegemônico heteronormativo, pois necessitam de marcadores espaciais em que tais práticas tendem a ocorrer e se microterritorializarem (ver COSTA, 2011). No entanto, além da condição de conhecimento de certos lugares e trajetos cujas práticas homoeróticas são mais frequentes, a 'deriva' espacial torna o espaço urbano (homo) erotizado e muitas surpresas acontecem em espaços inusitados.

Mas todas as cidades apresentam suas possibilidades espaciais de interação homoerótica marcada pela 'deriva' e 'pegação'. Um sujeito orientado sexualmente para o mesmo sexo que se encontra pela primeira vez em determinada cidade<sup>5</sup> busca informação das possibilidades de interação sexual em espaços públicos, privados e semi-públicos e despende energia para a busca sexual, ou seja, a 'deriva' e a prática espacial da 'pegação'. A 'pegação' assim representa uma prática territorial, como trabalhada em Raffestin (1993), composta por informação e energia. A informação remete a busca dos dados espaciais que o levem aos marcadores espaciais propensos à 'pegação', assim como formas de informar seus desejos e suas necessidades afetivo-sexuais no lugar encontrado e destinado a esta possibilidade (ou seja, os sinais que fazem interagir sexualmente com outro (s) homem (s) e que

### Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

definem a ação sexual propriamente dita ou a diversidade de possibilidades de interação erótica). Os sujeitos não informam esclarecidamente à apropriação espacial (como nos moldes mais formais de territorialização descritas por Raffestin (1993) e Sack (1986)), mas eles tendem a organizar um conjunto tático de comunicação que torna certos marcadores espaciais conhecidos, como a conversa e a comunicação face a face ou o usos de certos meios de comunicação virtuais, como salas de 'bate-papo' em internet e informantes seguros sobre o que se quer saber.

A energia que define o processo de marcação espacial ou territorialização se dá pela prática da espreita e a atenção às possibilidades de interação sexual em determinados lugares e trajetos, definidos pela 'deriva' (PERLONGHER, 1987) constante e sutilezas de contatos e comportamentos entre os sujeitos. Muitas vezes o acaso também é estabelecido do conhecimento sobre os marcadores espaciais da 'pegação', mas este acaso é acompanhado pela pré-disposição dos sujeitos à interação homoerótica (o olhar espreito) como, por exemplo, ocorreu como experiência pessoal do autor em encontrar um marcador espacial de 'pegação' na praia de Pajuçara na cidade de Maceió, em pleno passeio descomprometido em momento de lazer.

A caminhada descomprometida levou este a encontrar, como que por acaso, a 'pegação' na parte sul da praia de Pajuçara, nos quais alguns sujeitos sutilmente insinuavam possibilidades de interação sexual manipulando principalmente os órgãos sexuais e sinalizando a possibilidade de interação sexual. Neste caso, o encontro se deu ao acaso, mas a evidência e o entendimento se estabeleceram pelo 'olhar espreito'. O acaso pode ser também relativo porque isto se dá justamente pelo paradoxo espacial que estabelece a relação da

transgressão com o campo hegemônico heteronormativo. Neste sentido, o marcador espacial das práticas de 'pegação' do caso do lugar específico no evento da praia de Pajuçara, em Maceió (Alagoas) é condicionado por uma evidente materialidade que representa uma 'brecha' no campo espacial hegemônico heteronormativo, mas que também é regrada por este mesmo campo. Isto acontece, pois a faixa de areia que é marcada pela prática da 'pegação' homoerótica é justamente aquela em que se encontra mais escondida dos demais lugares das praias de Ponta Verde e Pajuçara, em Maceió, ou seja: é uma faixa de areia que parte do final do 'calçadão' à beira-mar e encontra-se restringida a oeste por uma indústria refinaria de petróleo e a leste pelo próprio mar que torna intransitável a areia em período de maré alta. O caráter de camuflagem e invisibilidade que representa uma forma de 'esconderijo' é completada pela presença de uma mata litorânea fechada e por um conjunto de rochas colocadas para evitar o avanço do mar a refinaria. Neste sentido, poucos avançam efetivamente para esta faixa de areia e ela pode, assim, ser marcada transgressivamente pelas práticas e 'pegação' homoeróticas.

O exemplo da faixa de areia na praia de Pajuçara representa um espaço de interação cotidiana entre sujeitos orientados sexualmente na cidade de Maceió, assim como uma possibilidade de interação de muitos turistas que visitam a cidade e que por lá diariamente ou esporadicamente, no período de férias ou de trabalho na cidade, promovem a 'pegação'. Neste sentido observamos a 'pegação' como uma tática homoerótica esperta que se movimenta no 'campo do inimigo' ou perturba as estratégias hegemônicas de composição dos corpos e das interações no espaço heteronormatizado. Esta luta ou interação entre táticas desviacionistas e estratégias que fundam hegemonicamente

## Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

os lugares é vista em De Certeau (1994) e faz parte das 'artes de fazer' cotidianas. O lugar emerge em certos parâmetros hegemônicos que estrategicamente organizam instituições e formas de fazer e ser, mas imbricadas a elas e expressas de forma paradoxal, inúmeras outras táticas transgressivas se movem 'sorratamente' em campo inimigo e promovem inúmeras outras interações de sujeitos e grupos singulares.

### 'A Pegação' em uma Perspectiva Fenomenológica e da Geografia da Ação

Segundo Schultz (2012), a atenção da fenomenologia se estabelece no fluxo de nossas ações cotidianas e da aceitação inquestionável do mundo dos fatos que nos leva a nos concentrarmos em nossos objetivos e não percebermos os atos subjetivos das experiências em si mesmos. A redução fenomenológica, dessa forma, implica colocarmos determinadas ações e processo 'entre parênteses' como uma prática reflexiva e compreensiva daquilo que nos é natural como vivências do cotidiano. Este método implica acessar os fluxos de consciências e suas naturezas singulares descrevendo e refletindo sobre suas estruturas. Neste sentido, a fenomenologia interessa-se pelos fluxos de ações e interações dos sujeitos sociais no âmbito da descrição dos processos imanentes a estas ações, mas também capta determinados limites de ações e coloca-as 'entre parênteses', no sentido de buscar refletir sobre suas estruturas, processos, fundamentos e sentidos. Mas como a prática espacial da 'pegação' homoerótica pode se apresentar como uma possibilidade de atenção da fenomenologia?

A fenomenologia basicamente se interessa pelos fluxos de ações dos sujeitos em interação, mas além da reflexão sobre estas objetividades cotidianas, procura desvendar as subjetividades que movimentam as cenas

sociais. A 'pegação' apresenta-se pelo caráter objetivo do movimento de busca sexual definido pela prática da 'deriva' e pelo 'olhar espreito' à aproximação e efetivação da interação homoerótica. Socialmente, levando-se em conta certos circuitos de interação homoerótica nas cidades brasileiras (circuito de sociabilidade das homossexualidades é tratado em Parker, 2002), a prática da 'pegação' tende a reproduzir certas objetividades compostas em lugares mais propensos de acontecerem (certas faixas de areias de praias; determinados lugares em parques e praças públicas; banheiros públicos ou de lojas de departamentos, supermercados ou shoppings; assim como lugares privados que compõe o mercado destinado ao sexo GLS, como saunas, vídeos locadoras, bordéis e casas que reproduzem espaços destinados a sexo coletivo) e certas ações e comportamentos mais ou menos definíveis (como as formas sutis de significação da possibilidade de interação sexual, gestos singulares que definem as 'paqueras' e até mesmo, certas pré-disposições e tendências as reproduções de práticas sexuais de determinados sujeitos). As objetividades são fluxos de consciência naturalizados nos cotidianos que perfazem relações espaço-temporais de busca sexual dos sujeitos em suas cidades de residências ou em determinados períodos em lugares que frequentemente ou esporadicamente visitam. As marcações espaciais assim como as predisposições de comportamentos tendem a reproduzirem experiências em fluxos de ações cotidianos que se definem pela simples ação determinada pela vontade e pelo desejo, assim como tanto pelas possibilidades como pelas interdições a esses elementos subjetivos não refletidos.

A prática da 'pegação' apresenta-se como um fluxo de desejo que funda a ação e a interação de sujeitos e grupos. Neste fluxo existem formas (questões estéticas) e éticas (o

### Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

agir dos sujeitos em interação) que ora tendem a se reproduzir e ora, paradoxalmente, se perfazem ao acaso do próprio fluxo de ação e de interação. Neste sentido, não há uma reflexão ou não se coloca 'entre parênteses' determinadas singularidades deste fluxo e, assim, não se questionam objetiva ou subjetivamente os atos e determinados momentos de ações praticadas. Este colocar entre parênteses é outro viés do trabalho fenomenológico que pode conduzir um trabalho de caráter sociológico, psicológico ou, no caso aqui, geográfico. Também pode ser caráter da reflexão dos sujeitos em determinado momento de sua vida, no sentido do pensamento sobre si mesmo ou na troca discursiva sobre as intimidades entre amigos. Por outro lado, a 'pegação' em si é uma ação solitária que faz interagir estranhos em lugares conhecidos como propensos a isto. A interação assim é anônima e se desfaz de significação e identificação sobre as qualidades do outro com quem se interage, a não ser pelas perspectivas sutis que identificam desejos interessantes entre eles (estéticas e maneiras de agir). A reflexão sobre o outro e sobre si mesmo pode vir à tona posteriormente, no pensamento sobre o fluxo que se deu no passado (muitas vezes muito próximo) e quanto se questionam identidades, preferências e se classificam estereotipando os sujeitos e o significado de suas ações. Cientificamente a redução fenomenológica se interessa da descrição deste fluxo de ação (que pode se estabelecer de forma discursiva do outro estudado, assim como pela descrição etnográfica da experiência do fato em curso vivido pela imersão do pesquisador) e também pela reflexão ampliada sobre os significados da experiência que liga o "eu" entrevistado e o outro compartilhado por este.

A 'pegação' homoerótica apresenta-se como uma ação espacial vinculada a uma qualidade singular do ser que age, ou seja, sua

busca sexual e afetiva relacionada ao desejo, socialmente construído como transgressivo, ao mesmo sexo. Neste sentido, isto produz uma Geografia cujas qualidades são singulares e apresentam invisibilizadas no fluxo hegemônico da sociedade e das condições de produção do espaço social. É uma Geografia singular, pois repercute em ações singulares dos sujeitos em interação e repulsão, compondo um conjunto de lugares, trajetos e circuitos espaciais tanto interditos como possíveis a determinada prática. Esta Geografia não é pensada ou mapeada reflexivamente, ela é somente experienciada no fluxo das ações de objetivam certas subjetividades que são os desejos e construções psíquicas sobre eles. A reflexão e representação geográfica sobre a experiência espacial torna-se tarefa dos processos de reflexão trazidos à tona pela redução fenomenológica (que liga sujeito que experienciou, experiência vivida com outros e meio-sujeito de reflexão, ou seja, o pesquisador, o texto ou a representação do discurso). Wolf Dietrich Sahr apresenta-se como um importante geógrafo no Brasil, que reflete sobre esta Geografia da ação dos sujeitos em sociedade (em socialização e em socialidade), segundo ele:

(...) precisamos recorrer a uma ideia do Agir que se defina como processo. Assim, a criatividade da ação, que ultrapassa a racionalidade, deve ser revelada metodologicamente pelo próprio pesquisador, num diálogo direto com seus pesquisados com quem desenvolve um conceito comum [...] Inicia-se, destarte, uma geografia da ação comunitária. Aqui, a espacialização é tanto um processo comunicativo, num espaço de convivência (motivada), como um processo exteriorizante e

### Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

racionalizante, onde surge uma multiplicidade de espaços interpretativos. (SAHR, 2008, p. 46 - 7).

É, neste sentido, que a Geografia da ação é uma construção daquilo que não se reflete no cotidiano, mas que pode ser discursivamente 'contata' em um diálogo entre pesquisador e sujeito pesquisado e que é representada em um espaço interpretativo no qual poderão surgir inúmeras significações e identificações sobre os processos, comportamentos e formas de identificação. Essa Geografia da ação representa um processo que compõe, assim, o 'parêntese' discursivo da redução fenomenológica que procura se aproximar da experiência do agir e da consciência em fluxo. Neste sentido, essa Geografia procura representar objetividades que compõe a ação (espaço material, estéticas e éticas corporais) assim como reflexões sobre as construções subjetivas dos seres em interação (processos de identificação e significações de atos, discursos e comportamentos). Em relação à 'pegação' como prática espacial ocorre uma Geografia da 'pegação' em espaços cotidianos que colocam uma diversidade de subjetividades em processos objetivos de interação. Neste sentido, é importante a descrição das ações espaciais (tornando-se importante a imersão do pesquisador nos espaços de 'pegação' e a experiência das práticas que ocorrem em determinados fluxos espaço-temporais) assim como a reflexão discursiva sobre aspectos significativos dos processos de ação e interação (neste caso a reflexão das experiências vividas pelos sujeitos, suas significações, seus processos de identificação e dos conhecimentos sobre possibilidades e interdições socioespaciais de vivências da sexualidade).

Os sentidos de uma Geografia contida nas práticas espaciais de 'pegação' denotam a polissemia da vivência dos cotidianos

urbanos (seja em grande, médias e pequenas cidades). Assim queremos frisar e esta afirmação também está contida nas argumentações de Sahr (2007), que as ações socioespaciais se processam além de um cotidiano urbano normatizado e funcional (definido pelo pertencimento individual e coletivo em instituições sociais normalizadoras dos comportamentos, identidades e interações humanas). As ações apresentam diferenciados motivos, muitos deles não exatamente convencionais e, assim, ocorrem como formas de agir clandestinas condicionadas a comportamentos cautelosos e um conjunto de sutilezas que possibilitam a interação. Observamos, assim, a forma de um cotidiano urbano cujos traços característicos das estéticas e das éticas organizam experiências coletivas aceitas em proporções diferenciadas conforme dispositivos de avaliação e coerência social. Por outro lado, certas maneiras de se apresentar e formas de agir (motivadas por diferentes subjetividades e realizadas por agregações intersubjetivas que tendem a se objetivarem em certas construções interativas) acabam construindo espacialidades sutis aos 'olhos' da normalização social, como se estivessem 'subterrâneas' ao movimento da sociedade (MAFFESOLI, 2002). Esse caráter 'subterrâneo' das interações pode sim se objetivar em construções espaciais 'escondidas' ao movimento social (lugares das cidades onde o movimento e a funcionalidade interacional comum cessam por certos períodos do dia e da noite), mas também convivem com a intensidade populacional em horários e lugares mais inusitados camuflados taticamente por entre a multidão.

O isolamento de determinadas formas de interação se definem como melhor aprisionados pelos dispositivos de identificação dos comportamentos humanos e, mais que assegurar uma proteção de formas estéticas, de ações e interações, permitem que

## Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

os demais grupos e instituições sociais os qualifiquem e assim se afastem (isolando-os como que para não permitir o contágio) ou possam agir como forma de repressão (policial, legal e fóbica, pela desqualificação da interação). Pensamos que o mercado de diversão para a diversidade cultural reforça certas qualidades identitárias dos grupos interativos e isola socialmente a convivência e, principalmente nas grandes cidades, acabam por multiplicarem formas de identificações que tendem a fragmentar e ampliar preconceitos e discriminações (isto ocorre, por exemplo, na diversificação do mercado GLS em grandes cidades como São Paulo, cujos tipos homoafetivos se diversificam e geram segregações discriminatórias na própria população LGBT, principalmente definidas por suas formas de aparecer e maneiras de agir). Muitas formas de interação se camuflam por entre o movimento normativo da sociedade e distinguem-se sutilmente por um agir tático que 'esconde' um possível caráter transgressivo. A essas ações os discursos que identificam os atos inexistem como formas de qualificação das agregações e relações, tornando os sujeitos imunes ao 'rebaixamento' identitário socialmente construído. Este é o caso, por exemplo, das práticas de 'pegação' em banheiros públicos que, como veremos, são estabelecidas de forma tão sutil que pouco são aprisionadas aos dispositivos de qualificação e discriminação social. Neste caso, as relações de homens que interagem sexualmente com outros homens em banheiros públicos, as maneiras que levam suas vidas é o que menos importa, sendo mais importante o prazer ali estabelecido. Em banheiros públicos, camufladamente uma diversidade de tipos sociais veladamente praticam 'pegação', não importando efetivamente caracteres étnicos, geracionais, identitários, etc. Digamos que a própria prática pode ser muito discriminada por

múltiplos setores sociais (inclusive por muitos da população LGBT) por qualificar-se como uma ação de baixo calão, mas a própria ação em si não denota uma identificação por se processar em um ambiente cujos propósitos funcionais socialmente construídos se qualifica como ambiente de homens que naturalmente se destina a satisfação de outras necessidades fisiológicas. O real objetivo de muitos é sublimado aos 'olhos' dos dispositivos discursivos, discriminatórios e repressores da sociedade.

### Um Exemplo: Dados de Pesquisa nas Cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

O espaço urbano de cidades grandes apresenta-se hoje repleto de uma diversidade cultural e de variabilidades de formas de agir e aparecer, relativizando multiplamente aspectos éticos e estéticos de vivência no cotidiano. A diversidade estética e ética é movimentada na grande cidade pela multiplicidade de possibilidades de convivência em estabelecimentos de consumo e lazer que representam a vitalidade de um capitalismo pós-moderno ativado pelo desejo, pelo prazer e pela sensibilidade. As grandes cidades são lugares de grande trânsito de pessoas e de informações que redefinem as diversidades de comportamentos dos grupos sociais e inserindo-os em lugares caracterizados como nichos de consumo.

A diversidade cultural da cidade grande mistura táticas de expressão e comportamento em espaço público e localizações privadas que servem para garantir a convivência e o agir de certa alteridade. A prática espacial da 'pegação' homoerótica que se disseminava em 'cantos', 'pedaços' e 'trajetos' de ruas, parques e praças tende assim ser privatizada em determinados lugares específicos para tal ação. No centro

### Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

da cidade de São Paulo, por exemplo, existe uma multiplicidade de estabelecimentos destinados especificadamente à 'pegação' homoerótica, organizando um circuito privado de cinemas pornográficos, casas de prostituição, estabelecimentos para sexo coletivo, motéis e hotéis baratos, saunas, bares e boates. O centro deste circuito se apresenta ainda na confluência das praças da República e Arouche (ligadas pela Rua Vieira de Carvalho). A partir deste núcleo, estabelecimento diversos se espalham em diferentes direções. Neste sentido, a 'pegação' de rua apresenta-se hoje mais como um elemento periférico a vasta diversidade de casas pelas quais sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo podem fazer sexo e 'pegar'.

Em meio à diversidade e ampliação de um mercado para 'pegação' homoerótica, as antigas transgressões em espaço público podem se tornar até mesmo mal vistas por certos sujeitos que preferem a proteção do lugar privado. No entanto, ela ainda ocorre muito, se dispersando pelas as esquinas do centro da capital paulista e em seus 'cantos' mais escuros ou, até mesmo, mais movimentados pela multidão. As marcações espaciais são nítidas por aqueles que agem e se especializam na 'pegação' e elas definem certos trajetos e lugares no espaço público e ligações específicas entre certos estabelecimentos comerciais destinados a isto. Na capital paulista a 'pegação' torna complexas as convivências em espaço público e espaço privado, podendo ocorrer em ambos os casos assim como conectá-los em um circuito de 'deriva' homoerótica. É certo que a cada lugar e a cada forma de marcação espacial é definida por certas formas de aparecer (estéticas) e formas de agir (éticas de convivência). As escalas dos marcadores espaciais que compõem a 'pegação' apresentam uma variabilidade de perspectivas explicativas e representacionais:

por um lado existe uma constante conexão de lugares que tornam conectadas formas de agir e de aparecer, por outro lado, pontos específicos destas conexões estabelecem microterritorializações caracterizadas por formas estéticas e éticas de convivência e de configuração espacial que assegura e mantém determinada convivência.

As complexidades microterritoriais são compostas por marcadores espaciais de tipos de convivência, mas elas se definem mais pelo trânsito intenso de diferentes sujeitos que ora se apropriam definindo a aura do lugar de convivência, ora perturbam determinadas definições e desestabilizam caracteres locais. Os jogos de apropriações e definições espaciais se estabelecem pelo movimento estético que tende tanto a manutenção das formas de agir e aparecer como pela necessidade de inovação destas formas, trazidas por atores que se propõe ao convívio e a expressão de originalidade. Na escala do 'circuito' homoerótico paulista os trajetos e localizações mudam, mas o núcleo de 'pegação' não se altera facilmente e a partir deste, caracterizado ainda por uma forte motivação de 'deriva' de rua, novas propostas mercadológicas que se ligam a formas de expressão (de aparecer e agir homoerótico) se fazem e desfazem. Afastando-se deste núcleo estratégias mercadológicas destinadas à festa e a boemia se organizam com uma maior nitidez pela privação da convivência e do encarecimento dela (principalmente organizado por novas propostas sensíveis e estéticas de convivência), tornando a cidade mundialmente conhecida pela rica gama de lugares inovadores à boemia.

No entanto, não é a grande cidade que queremos analisar aqui. Queremos entender a 'pegação' como uma tática transgressiva às definições heteronormativas do espaço público. É fato que mesmo São Paulo apresentar-se pela diversidade de

### Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

possibilidades de convivência homoerótica (que definem um rico 'circuito de pegação') as características heteronormativas do espaço público ainda não se desfizeram. Efetivamente podemos perceber mais evidentemente as homoafetividades nas ruas da capital paulista, mas ainda as práticas espaciais de convivência e afetividade encontram-se camufladas por entre a multidão. Mesmo em São Paulo ainda as expressões homoafetivas são vistas como transgressões e facilmente sofríveis de repúdio e discriminação. E se em São Paulo, que se apresenta como um centro rico para as convivências homoafetivas, as práticas afetivo-sexuais ainda se estabelecem como clandestinas (mesmo 'pipocada' de estabelecimentos comerciais destinados a isto, diga-se de passagem, ainda clandestino), o que diríamos sobre cidades menores no interior dos Estados Brasileiros, que apresentam oportunidades raras de organização de estratégias de consumo para um público LGBT?

É devido a esta pergunta que se organizou o projeto de pesquisa intitulado 'Cidades brasileiras, espaço público e diversidades culturais: o caso das microterritorializações de expressões homoeróticas e/ou homoafetivas', que começou a ser desenvolvido no início do ano de 2013 e é financiado pelo CNPq, via edital Universal lançado no ano de 2012. Este projeto procura entender alguns aspectos das convivências homoafetivas em cidades do interior representantes de cada macrorregião brasileira. No projeto é importante uma determinada configuração urbana básica: que sejam cidades com porte populacional por volta de trezentos mil habitantes e que estivessem afastadas das capitais e cidades grandes dos estados da Federação. Existem alguns porquês desta configuração e eles são: (a) primeiramente buscaríamos cidades de tamanho de população próximas à Santa

Maria no Rio Grande do Sul (para estabelecer algumas comparações com estudos locais, cidade sede da pesquisa e lugar de trabalho e residência do pesquisador); (b) que sejam cidades que não fossem grandes e, assim, tivessem um mercado GLS insipiente (neste sentido o foco da pesquisa seriam as táticas homoafetivas e/ou homoeróticas que levassem a convivência afetivo-sexual sem influência específica do mercado instaurado); (c) que fossem cidades longe das capitais e cidades grandes e que, assim, dificultassem o deslocamento populacional homoafetivo na busca de diversão, afetividade e experiências sexuais, tornado estas práticas e convivências resolvidas a partir de táticas no espaço urbano local.

Neste sentido, as primeiras cidades que a pesquisa se deslocou foram Presidente Prudente no interior do Estado de São Paulo e Vitória da Conquista no interior do Estado da Bahia, ambas com as configurações próximas aos objetivos da pesquisa anteriormente citados. É claro que a escolha destas cidades também foram definidas pelos próprios caminhos da pesquisa, limites e possibilidades de encontrar sujeitos que pudessem colaborar com ao trabalho empírico. Primeiramente, na cidade de Presidente Prudente tivemos a oportunidade de contar com o contato do professor Nécio Turra Neto, da UNESP, que trabalha na Geografia grupos urbanos e seus processos de territorialização. A partir do professor Nécio Turra Neto tivemos a oportunidade de contatar pessoas chaves à pesquisa, como o doutorando da Unesp Antônio Bernardes, que foi importante em proporcionar entrevista com um grupo de sujeitos colaboradores. Além disso, na cidade de Presidente Prudente, contamos com a ajuda de participantes do Grupo de Estudos sobre Sexualidade e Cidadania (GESC), principalmente a Renata Souza e o Marcio Aloisio de Oliveira, sendo a Renata

### **Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)**

importante para reunir mais um grupo de sujeitos que foram entrevistados e o Marcio diretamente responsável pelo trabalho de campo pela cidade, para entender as táticas de 'pegação' em espaço público. Na cidade de Vitória da Conquista a facilitação da pesquisa se estabeleceu pelo contato com Danillo Bittencourt, Assessor Técnico de Políticas para Diversidade Sexual da Secretaria de Desenvolvimento Social da Prefeitura de Vitória da Conquista. O contato com Danillo fora sugestão do Professor Luiz Mott (também líder mitante LGBT do Grupo Gay da Bahia) que tivemos oportunidade de conhecer no II Seminário sobre Microterritorialidades nas Cidades, organizado pelo professor Nécio Turra Neto, na UNESP de Presidente Prudente, em 2012. Danillo Bittencourt desenvolve um trabalho muito sério e consistente sobre questões de assessoria pública à população LGBT de Vitória da Conquista. Foi com Danillo que pudemos conhecer a cidade e entrevistar três grupos LGBT para entender questões amplas sobre diversidades sexuais na cidade.

Como argumentamos, a pesquisa apresentava o objetivo de conhecer a cidade e poder entrevistar (através de roteiro semiestruturado) grupos de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo, no sentido de entender como eles vivem seus cotidianos e como as homoafetividades são experienciadas. Basicamente, os registros são de narrativas coletadas a partir das entrevistas, que abordam aspectos amplos como experiências de afetividades e sexualidade, preconceito, discriminação, organização política e, principalmente, tentar descobrir uma Geografia urbana das táticas de convivência homoeróticas e homoafetivas. Por outro lado, a própria presença do pesquisador nas cidades possibilitou uma postura etnográfica de ação de 'espreita' e de descoberta dos possíveis lugares e trajetos de convivência homoerótica da cidade. Neste

sentido, o pesquisador agiu praticamente se deslocando no espaço urbano na tentativa de visualizar certas ações e interações homoeróticas. Na cidade de Presidente Prudente os campos foram acompanhados por Marcio que mostrou com detalhes as táticas homoeróticas em espaço público e principalmente a prática espacial da 'pegação'. Em Vitória da Conquista a ajuda de Danillo centrou-se na reunião e no acompanhamento das entrevistas com sujeitos colaboradores, mas suas informações preciosas tornaram fáceis as incursões do pesquisador e a descoberta de práticas espaciais de 'pegação'. Queremos destacar que este ensaio aborda somente um aspecto da gama de produtos obtidos a partir de coleta de narrativas mediante entrevista semiestruturada. Focaremos-nos no aspecto da 'pegação' em espaço público neste texto, mas isto é somente um dos muitos dados e assuntos coletados, outras temáticas poderão ser abordadas em outro ensaio.

### **Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica na Cidade de Presidente Prudente (SP)**

Nossa prática de pesquisa em Presidente Prudente contou com a brilhante contribuição de Marcio Aloísio de Oliveira do Grupo de Estudos sobre Sexualidade e Cidadania (GESC). Marcio é psicólogo e atua na cidade e na militância LGBT. Estivemos em Presidente Prudente entre os dias 01 e 05 de fevereiro de 2013 e a companhia de Marcio nestes dias nos fez entender as práticas de 'pegação' na cidade, principalmente envolvendo as interações homoeróticas que vinculam espaços de banheiros públicos. Nestes dias pudemos vivenciar as ações de 'pegação' de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo em duas regiões principais da cidade: a região central, que vincula as praças Nove de Julho e 'da

## Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

Bandeira', assim como os trilhos de trem próximo a esta última praça e a região do chamado Parque do Povo. Vamos tratar os aspectos observados de forma esquemática separando textualmente as análises de acordo com estas duas regiões citadas. Salientamos que os dados se apresentam como narrativas criadas pelo autor que foram organizadas mediante observação direta nos lugares mencionados, ações empíricas de interação com sujeitos observados (que se qualificam como certas encenações de 'pegação' mantidas pelo pesquisador junto com o grupo estudado, sendo este qualificado por muito sujeitos como propenso às práticas homoeróticas – estas encenações permitiram entender as sutilezas táticas que fazem sujeitos interagirem, porém não se desdobraram nas práticas em si) e, principalmente, observações e diálogos de campo estabelecidos entre o pesquisador e o colaborador Marcio, que vivencia cotidianamente estas interações. Seguem-se agora extratos narrativos das observações estabelecidas (são extratos, pois não repercutem uma transcrição dos fatos observados, mas uma sistematização dos elementos constituintes mediante interpretação do pesquisador).

### a) Práticas de 'pegação' na região central:

As práticas espaciais de 'pegação' na região central de Presidente Prudente apresentam duas configurações principais: as estabelecidas em torno da Praça Nove de Julho, junto ao 'calçadão' central de esquina com a Avenida Marcondes (Cel. José Soares Marcondes) e, na conhecida, Praça da Bandeira, na outra extremidade do 'calçadão' central, margeada pela Avenida Brasil, onde estão localizados o comércio de camelôs da cidade.

Na Praça Nove de Julho ocorre uma intensa circulação no banheiro público que se localiza no mesmo prédio de um posto da

polícia civil (atrás do posto, no mesmo prédio, de frente para a praça – o posto fica de frente para a Avenida Marcondes). A praça conecta o calçadão, onde se concentra grande parte do comércio do centro da cidade e o terminal de ônibus da Avenida Marcondes, que liga o centro a outros bairros.

As ações de 'pegação' no banheiro público se configuram a partir da constante entrada e saída de homens que ali se destinam para satisfazer suas atividades fisiológicas, mas também para sensações de cunho sexual, como práticas sexuais propriamente ditas ou somente ações de exibição ou de ficar olhando os exibicionistas. Neste sentido, as ações de 'pegação' homoerótica entre homens que fazem sexo com outros homens neste banheiro público configuram-se como atos de voyeurismo (se exhibir e/ou se excitar olhando) e atos sexuais diversos propriamente ditos (sexo com penetração e felação). Dentro do banheiro, na área dos mictórios, ocorrem os exibicionismos e voyeurismo assim como a manipulação, entre homens, dos órgãos sexuais excitados. Nas duas cabines os atos podem se intensificar com atividades de felação e de penetração. Em uma das cabines as atividades de voyeurismo podem acontecer sem efetivamente ocorrer um contato físico entre dois sujeitos, por meio de uma abertura em que se pode ver o que acontece nos mictórios.

As atividades sexuais não necessariamente acontecem no banheiro público. Este lugar serve como uma possibilidade de se flertar ou 'paquerar' (o que poderá ser antecedida de alguma atividade sexual como masturbação mútua) e de sinalização para uma conversa na própria praça, o que pode culminar ao deslocamento em relação a duas possibilidades: para o uso de motéis baratos há duas quadras da praça seguindo pela avenida Marcondes (nas proximidades da conhecida 'rodoviária velha') ou, então, até mesmo, para o estacionamento da igreja

### Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

matriz da cidade, localizado no outro lado da praça, atravessando a avenida Marcondes, nos quais os carros, principalmente equipados com chamados *insulfilms*, com vidros bastante escurecidos, permitem ações sexuais seguras sem serem percebidas por quem passa.

As atividades de prostituição masculina na praça e em relação ao banheiro são concentradas no período da noite. Durante o dia pode-se observar a movimentação de jovens que se aproximam sexualmente de outros homens em troca de certos favores e 'presentes', como bonés e camisetas (de acordo com a argumentação do colaborador da pesquisa). Muitos destes jovens podem ser meninos de rua que estabelecem contato com outros homens a partir de inscrições (recados) nas paredes das cabines do banheiro. Durante nosso trabalho de campo, o nosso colaborador reconheceu alguns meninos de rua que se utilizam das práticas sexuais homoeróticas em trocas de presentes, principalmente calçados, roupas e acessórios. Se caso estivéssemos sozinhos, não perceberíamos a condição de rua de certos meninos que circulavam (entrando e saindo) no banheiro, pois eles se encontravam muito bem vestidos, resultado dos presentes dados em trocas de favores sexuais.

No período noturno, segundo argumentação do colaborador e também comprovação posterior mediante campo de pesquisa, ocorre uma conexão entre a Praça Nove de Julho e a Rua Rui Barbosa em relação às atividades de prostituição masculina. Os *michês* circulam neste espaço se utilizando da praça para contatos rápidos com clientes e socialidade entre eles, e a Rua Rui Barbosa, paralela a praça e perpendicular a Avenida Marcondes, para negociação com clientes que estão passando com seus carros. Muitas vezes, certos clientes passam motorizados pela Rua Ribeiro de Barros (paralela ao calçadão central e rente a praça,

que atravessa fluxos de automóveis pela Avenida Marcondes) e discretamente se comunicam, por certos gestos e olhares, com os *michês*, durante as passagens constantes. Porém, o contato e a negociação do programa se estabelece somente rua abaixo, ou seja, na Rua Rui Barbosa. Neste sentido, existe uma série de sutilezas que levam os sujeitos (clientes e *michês*) a se deslocarem entre lugares próximos para mais discretamente promoverem uma interação sexual.

Como vimos, existe uma microgeografia da 'pegação' homoerótica quase que imperceptível nesta região da praça que liga o banheiro público, o próprio espaço da praça, o estacionamento da igreja matriz da cidade, a Rua Rui Barbosa e motéis nas proximidades da antiga rodoviária, sem falar do próprio espaço interno de interação no banheiro que qualifica ações nos mictórios e nas cabines. Mas vale destacar que as interações nesta espacialidade são estabelecidas de formas táticas compostas por um conjunto de sutilezas e muito pouca verbalização. O grande fluxo de pessoas no período diurno 'esconde' os fluxos vinculados a 'pegação', tornando mais evidente para quem especificadamente procura tais sensibilidades. Notamos que certos sujeitos entravam e saíam do banheiro como que em atividade de 'deriva', buscando estabelecer alguma interação sexual. Outras vezes notávamos que dois homens que entravam e depois saíam ficavam um tanto longe se olhando e, aos poucos, se aproximavam para conversar e, logo depois, se deslocavam juntos a outro lugar (supostamente o estacionamento ou então outro lugar qualquer para a prática sexual).

Outra interessante constatação é a diversidade de sujeitos que frequentam o banheiro para as práticas de 'pegação'. No período diurno esta prática é comum embora não perceptível para grande parte da população. A frequência é desde jovens

### Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

adolescentes que estudam em escolas do centro (principalmente uma escola de ensino médio perto da igreja matriz da cidade), trabalhadores do comércio local (desde executivos a vendedores, passando pelos próprios donos de lojas), meninos de rua (conforme anteriormente argumentamos que se utilizam da 'pegação' em troca de presentes) até, e principalmente, idosos que frequentam a praça. Tais idosos, por exemplo, se aglomeram durante todo o dia pelos bancos da praça e, principalmente, jogam 'damas' e baralho de cartas, se concentrando nos lugares que existem mesas e tabuleiros para isto. Muitos deles se deslocam para os banheiros para principalmente se exibirem nos mictórios. Existe uma conexão intergeracional entre tais idosos e adolescentes estudantes que nos, períodos de intervalo ou de entrada e saída das aulas, passam pelo banheiro, que é caminho para o terminal de ônibus que conecta o centro a outros bairros.

Nas discussões com Marcio, nosso colaborador, conversamos também sobre o caráter a-pessoal e não identitário que compõe as atividades de 'pegação' no banheiro. Por um lado, as atividades em banheiros públicos de praças são marcadores espaciais destas práticas em qualquer cidade brasileira. Parece que existe um código inicial de busca sexual que está vinculada as interações em banheiro públicos masculinos. Qualquer viajante de qualquer relação singular com sua sexualidade e que queira manter uma experiência homoerótica poderá se utilizar do banheiro público para isto, mediante uma avaliação tática das possibilidades que o lugar lhe oferece. Por outro lado, o banheiro não identifica propriamente o usuário e suas práticas de 'pegação', uma vez que é um lugar para homens e cujo destino de uso corrente mascara as ações sexuais. Por outro lado, os códigos e comportamentos são exatos e

simples e não precisam de verbalização sobre as qualidades dos sujeitos em interação. Somente a atração sexual mútua e as necessidades de determinadas práticas sexuais para ambos determinam o contato. O contato e a verificação do interesse também são estabelecidos de forma sutil e de instantânea, para que haja uma proteção em relação aqueles que efetivamente usam o banheiro para necessidades fisiológicas. Todos os atos são simples, precisos e objetivos e caracterizam conjuntos de táticas de interação.

Discutindo com o Marcio, chegamos também a outras duas conclusões interessantes. As atividades de 'pegação' homoerótica, principalmente em banheiro público (embora existam casas de sexo privadas que se organizam de forma discreta e mantém o sigilo sobre a identidade de seus frequentadores), abarcam uma diversidade de homens que não se configuram como pertencentes a uma população LGBT, inclusive podem apresentar aversão de serem identificados como tais. Outro fator também é certo preconceito perante a população LGBT sobre aqueles que se utilizam do banheiro para práticas de 'pegação' (perante esta população chama-se esta prática como 'banheirão'). Neste sentido, a 'pegação' apresenta-se pelo caráter de camuflagem e 'velação' tanto para quem não participa da população LGBT como para aqueles que são conscientes de sua orientação homoafetiva. Para os primeiros, muitas vezes, uma postura masculina e heterossexual levam os sujeitos discriminar homossexuais e, por outro lado, satisfazer suas necessidades sexuais no banheiro público; para os segundos, mesmo que frequentem lugares tipicamente gays e vivam uma vida como tal, necessitam fazer a 'pegação' de forma camuflada e tática para que seus amigos e outros gays não o identifiquem como frequentador de 'banheirão', o que pode gerar desconfianças e

### Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

intrigas entre amigos e conhecidos de lugares de frequência gay (principalmente em cidades menores como Presidente Prudente cujo lugar de socialidade gay é somente um bar denominado como Botequim, no qual quase todos frequentadores se conhecem). Neste sentido, a tática de comportamento é representada pelo anonimato, pelo sigilo, pelas trocas de informações sutis, simples e precisas e pela objetividade e clareza dos desejos.

Para alguns sujeitos o vínculo como o banheiro e as práticas de 'pegação' apresentam-se como sintomas esporádicos, para outros isto faz parte de seus cotidianos. Certos sujeitos, mesmo não pertencentes a população LGBT e que muitas vezes levam uma vida heterossexual e familiar comum, podem manter uma conexão diária com o banheiro público para 'pegação', sendo um elemento importante de seus cotidianos. Certos sujeitos ampliam o caráter solitário da 'pegação' à possibilidade de interação e sociabilidade quando se conectam com outros que transformam a prática de 'pegação' em amizade e socialidade. Estes sujeitos aos poucos se vinculam territorialmente as periferias dos banheiros públicos e formam grupos de amizades (compostos por pequeno número de pessoal geralmente). Entre tais amigos as práticas de 'pegação' em banheiros públicos formam laços de afetividade e suas atividades sexuais não detonam preconceito entre eles, partilhando os lugares de socialidade conjunta nas proximidades dos banheiros e também esporadicamente sozinhos adentrando o banheiro para alguma experiência sexual. Estes grupos que são assíduos apresentam uma capacidade de identificar tanto frequentadores assíduos como esporádicos, assim como estabelecem uma gama de contatos por entre aqueles que frequentam estes lugares.

Na outra extremidade do calçadão central da cidade de Presidente Prudente existe a

Praça da Bandeira que também se vincula a uma Geografia da 'pegação', porém, segundo nosso colaborador, ela está mais vinculada a prática da prostituição masculina. Nesta região existe uma conexão entre os banheiros na periferia do camelódromo da praça e a própria área vegetada além das bancas de comércio. A atividade de michetagem é discreta e se confunde com a circulação intensa das pessoas no camelódromo e nos terminais de ônibus. O que nos chamou atenção é que esta área representa o marco histórico da cidade de Presidente Prudente e, assim, nas periferias da praça estão localizados os trilhos de trem (antiga estação ferroviária que ligava a cidade a São Paulo). Os trilhos, por manterem um aspecto de espaço subutilizado e degradado, permitem uma configuração discreta (de pouca circulação populacional) que possibilita a prática de 'pegação'.

Este lugar se confunde com a proximidade de espaços de prostituição de travestis, na borda da praça seguindo a Avenida Brasil, passando pela Rua Rui Barbosa até proximidades e ruas perpendiculares ao terminal rodoviário da cidade. As atividades de 'pegação' e de prostituição ligam a Praça da Bandeira aos trilhos de trem através de um caminho discreto localizado no final de um conjunto de armazéns destinado a depósito de produtos a serem comercializados. A conexão da rua com os trilhos se dá por uma 'roleta' de entrada na região dos trilhos de trem ao lado de um armazém de depósito de cimento. Por ali os sujeitos passam e se dirigem principalmente a um vagão abandonado na antiga estação de trem para consumirem os atos sexuais. Segundo nosso colaborador, as atividades de 'pegação' nesta área conectam garotos de programa assíduos e eventuais, travestis que trabalham exclusivamente com a prostituição, tráfico de drogas e eventuais atos de roubos e furtos, denotando um caráter de 'área moral' na cidade de Presidente Prudente,

## Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

conforme discussão trazida por Perlongher (1987) da Escola de sociologia urbana de Chicago (áreas degradadas das cidades que estão subutilizadas pela economia de maior importância e são palcos de outras atividades econômicas de menor importância, como comércio informal, prostituição e tráfico de drogas).

b) Práticas de 'pegação' homoerótica no parque do Povo;

A primeira informação que tivemos de Marcio, quando ainda estávamos observando a região central da cidade, é que as práticas de 'pegação' homoerótica que ocorrem no parque do Povo se vinculavam a, principalmente, três banheiros públicos: o banheiro que nosso colaborador localiza como estando no 'miolo' (ou centro) do parque (na parte do parque entre as Avenidas Celestino José Figueiredo e da Saudade: o banheiro público localiza-se em um desnível, adentrando o parque, com a Rua Onze de Maio, onde no nível topográfico da rua estão localizados quiosques de alimentação e também um posto da polícia civil); o banheiro nas proximidades do prédio da TV Fronteira (seguindo a localização do banheiro anterior passando a Avenida Celestino José Figueiredo e rente a Avenida Quatorze de Setembro, nas proximidades do quiosque de acesso de internet que compõe o projeto Cidade Digital); e também o chamado banheiro da 'rotatória' (a rotatória da Avenida Manoel Goulard com o parque do Povo, perto do Prudente Shopping). Para facilitar a questão textual iremos chamar o primeiro banheiro de 'banheiro do miolo do parque' (seguindo a linguagem de nosso colaborador), segundo como 'banheiro da TV Fronteira' e o terceiro como 'banheiro da rotatória'.

Chegamos ao banheiro do 'miolo do parque' perto das 10 horas da manhã do sábado, conforme marcada observação com Márcio. Segundo nosso colaborador, a movimentação neste banheiro ocorre de

forma mais intensa pela manhã e ao meio dia. À tarde a configuração da convivência no parque muda atraindo mais grupos familiares com crianças que se divertem no parque. O banheiro inclusive está muito perto de um parquinho infantil. Estivemos na localidade durante outros períodos no final de semana e na segunda feira, também notamos as atividades de 'pegação' durante todos os momentos em que estivemos observando (não fizemos nossos campos no período noturno e aprofundamos durante o dia). Existem práticas de 'pegação' homoeróticas bem claras nesta área e elas conectam o estacionamento de automóveis no desnível de rua acima do banheiro 'do miolo do parque', assim como outro banheiro público localizado entre os quiosques de alimentação neste mesmo desnível topográfico da Rua Onze de Maio. Além das práticas de 'pegação' propriamente ditas, que ocorrem dentro do banheiro masculino, as pessoas transitam flertando e observando a movimentação (para talvez se aproximarem melhor e depois adentrarem ao banheiro, segundo motivação de contato com outro alguém que se desloca ao banheiro) em outros locais bem específicos: dentro dos carros ao longo da Rua Onze de Maio; nas mesas colocadas na área vegetada perto do banheiro, no desnível topográfico perto dos quiosques da Rua Onze de Maio; nos equipamentos de ginástica também perto do banheiro e até mesmo em bancos próximos ao parquinho infantil.

Nestas espacialidades existem formas de comportamento bastante específicas que estão atreladas a 'pegação'. Muitos sujeitos estacionam seus carros e ficam observando a movimentação no banheiro para verificar se se interessam por alguém que entra no recinto, outros sentam sozinhos na área vegetada para também observar e outros, ao mesmo tempo em que se exercitam nos equipamentos de ginástica, estão também atentos a movimentação. Além disso, outros

## Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

se procuram se esquivar mais ainda estando um pouco distantes perto dos quiosques de alimentação como se não estivessem mesmo participando do que ocorre no banheiro. Neste sentido, ocorre um código de comportamento representado pela descrição daqueles que circulam e, mais ainda, uma camuflagem dos interesses de interação pela encenação de outras práticas (como descanso por entre as árvores, caminhadas pelo parque, exercícios físicos e descanso em seus carros em horas vagas).

Além disso, pudemos perceber também diversidades de sujeitos homens que usam o banheiro como espacialidade de 'pegação', das mais diferentes idades e provavelmente de diversos segmentos sociais. Segue abaixo algumas anotações de caderno de campo que comprovam as práticas de 'pegação' neste banheiro público:

*Estive no banheiro e as portas das cabines estavam fechadas e percebi (olhando por baixo) que existiam mais de uma pessoa na mesma cabine. Sai do banheiro e me posicionei em um banco em que eu pudesse observar a movimentação. Logo depois saiu um rapaz segurando um capacete e pegou sua moto no desnível de rua acima. Outro rapaz de tênis, calção e regata se posiciona atrás do banheiro a me observar (provavelmente esteja interessado em mim, pois notou que eu também observo o banheiro). Este rapaz discretamente faz movimentos com a cabeça sugerindo que eu entre no banheiro. (nota de campo).*

Podemos observar com a situação acima, a discreta interação que se estabelece nas práticas de 'pegação' homoerótica. Além do ato sexual propriamente dito, que pode se estabelecer na cabine do banheiro, existe um

conjunto de sutilezas que fazem interagir homens em busca de sexo. Outro fato interessante é também o não vínculo identitário do uso do banheiro com atividades sexuais que ocorrem (tornando o sujeito imune a uma identificação quanto aos seus atos). Isto é constatado quando observamos o rapaz que estaciona sua moto, promove algum ato sexual no banheiro e sai discretamente para retomar suas atividades diárias. Provavelmente o uso de veículos, como motos, permite a tais homens saírem em certos momentos do trabalho e utilizar-se rapidamente do banheiro para satisfazer desejos sexuais.

*Experiência de observação do banheiro com o Márcio (colaborador da pesquisa): entrei no banheiro logo após que percebi que um sujeito bem arrumado que tinha estacionado mais acima (no desnível da rua) um carro luxuoso. Fiquei curioso pela boa apresentação estética do rapaz, que sugeria um segmento social de renda elevada e fui confirmar se realmente estava “pegando”. Fui em direção ao banheiro masculino e no instante sai um senhor (idoso) que, a me ver, ficou indeciso se saía ou se voltava ao banheiro. Ansioso começa a manipular sobre as calças os órgãos genitais, pois isto talvez pudesse despertar algum interesse sexual a mim. Entrei no banheiro e fingi que urinava em uma cabine. Quando me desloquei para lavar as mãos este rapaz fingia que mexia em um celular (com aparência bem cara), mas logo quando termino de lavar as mãos ele não hesita em olhar fixamente para minha região genital. Quando voltei comentei para meu colega a situação e ele argumentou*

**Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)**

*que também iria ao banheiro para entender o que se passava, mas sentia-se um pouco nervoso (existe certa adrenalina vinculada a prática de “pegação” e mesmo que estivéssemos observando, devido à necessidade de pesquisa, todas as experiências de campo nos pareciam transgressoras como que a qualquer momento alguém poderia nos enquadrar praticando algo incorreto ou impróprio). Outro fator que me chamou atenção é que o rapaz também vestia acessórios como pulseiras, anéis e um celular caro, não demonstrando receio de algum roubo, o que geralmente é vinculado a tal prática. (nota de campo).*

Nesta descrição observamos a diversidade de sujeitos que frequentam o banheiro para 'pegação'. As práticas não discriminam segmento social e nem faixa etária. Além de sujeitos idosos, observamos muitos adolescentes e estudantes que circulavam na área e adentravam esporadicamente ao banheiro. Muitos deles foram identificados na prática da 'pegação', pois se interessavam pela minha presença posicionada para observação, muitas vezes retomando o trajeto para passar no banheiro e por mim, para fazer algum contato. Aqui observamos uma diversidade etária de homens na 'pegação' assim como uma diversidade de poder aquisitivo como o sujeito que descrevemos na nota de campo. Este sujeito se mistura com jovens estudantes e idosos denotando a diversidade social que argumentamos. Muitas vezes pensávamos que esta prática poderia estar relacionada com certos furtos e roubos, mas não foi o que observamos pela tranquilidade do homem que não se preocupa em manipular um celular caro dentro do banheiro, assim como não ligar com a visibilidade das joias caras que vestia. Talvez o horário de frequência pudesse

oferecer alguma segurança quanto a isto, o que pode mudar com o cair da noite.

Em relação ao banheiro nas proximidades da TV Fronteira, não observamos nada em especial, embora nosso colaborador afirme que muitos que vão acessar internet gratuita no parque acabam usando o banheiro para alguma atividade de 'pegação'. No entanto, em nossa caminhada percebemos muitos homens, de diferentes idades, que circulam no parque e discretamente estão flertando (notamos isto porque no trajeto entre os banheiros homens flertaram conosco, possivelmente porque nossa postura de observador fora confundida como alguém que também agia na 'pegação' e esta representação-ação do corpo e da postura do pesquisador, como alguém que também agia na 'pegação', se evidenciou como a melhor forma de entender os acontecimentos que nos interessavam). No banheiro da 'rotatória' verificamos uma maior movimentação de pessoas que chegavam a pé ou de carro (após estacionarem) e ficavam um longo tempo no banheiro. Neste local, segundo nosso informante, existe uma conexão do banheiro com um espaço bem específico de socialidade homoafetiva. Segundo nosso colaborador, em outro momento pudemos observar claramente isto, existe um banco posicionado estrategicamente em que grupos pequenos de sujeitos homoafetivos se concentram no final de tarde e ali mantêm relações de amizade, podendo ou não se utilizar do banheiro para 'pegação' (mas mesmo que não 'peguem' no banheiro percebemos que existe certa conexão das práticas homoeróticas estabelecidas ali e a possibilidade de formar grupos de interação mais amigável, ou seja, existe uma aura homoafetiva e homoerótica que promovem a atratividade ao local e diversifica interesses relacionais). Além disso, notamos também uma possibilidade de comportamento espacial discreto que conecta o banheiro a parada de ônibus em frente (na

## Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

Rua Roberto Somonsen). Muitos sujeitos fingem estar esperando o ônibus e lá ficam por horas até que o interesse por certa pessoa que entra no banheiro os faz deslocar para lá também. Neste sentido, existe uma microgeografia bem interessante que conecta banheiro público, banco de praça e parada de ônibus, todas vinculadas interações sociais que se relacionam em diferentes medidas com a prática de 'pegação'.

Assim como na praça observamos sujeitos que se deslocavam rapidamente ao banheiro para a prática de 'pegação' e outros que foram encontrados tanto no período da manhã como da tarde. Especificadamente encontramos dois sujeitos que estavam fixados espacialmente entre os banheiros da 'rotatória' e do 'miolo' do parque. Estes dois sujeitos inclusive se conheciam e foram vistos conversando no banheiro do 'miolo'. Neste sentido, podemos notar uma microterritorialização que se dá pela presença esporádica de sujeitos que passam nos banheiros buscando alguma interação sexual, mas também sujeitos que se vinculam por horas de determinado dia a isto (estando assim mais territorializados). Além disso, muitos sujeitos se conectam com as proximidades do banheiro (como as reuniões no banco de praça perto do banheiro da 'rotatória') para interagirem com outros amigos, não necessariamente vinculando-se a 'pegação', mas conectados a ela pela proximidade espacial.

Segundo discussão com o Marcio, existe certo código de masculinidade atrelada a 'pegação'. Observamos isto, principalmente, porque todos os homens que adentravam ao banheiro se demonstravam efetivamente ligados a uma expressão máscula. Em relação a isto, Marcio nos contou uma estória de um rapaz que era efeminado e que sempre estava 'pegando' no banheiro (conhecido de nosso colaborador). Assim Marcio, já consciente dos códigos de masculinidade atrelados a 'pegação', pergunta como ele fazia para ter sucesso na interação. Sem nenhuma vergonha

o rapaz disse simplesmente que não falava, pois era consciente a ele que o ato de falar poderia torná-lo não atraente à interação sensual/sexual. Neste sentido, existem certos marcadores exatos que promovem um contato vinculado a necessidade de expressar masculinidade nas atividades de 'pegação' o que independe da própria ação sexual que se estabelece no momento do ato sexual (seja esta ação de passividade ou de atividade). Muito sujeitos gays que se apresentam efeminado também possuem a necessidade de encenarem uma masculinidade em seus gestos e inclusive em suas vestimentas para serem atraentes a outros sujeitos também másculos. Como afirmamos antes, a 'pegação' é feita por homens másculos em um lugar de homens e por isso ela apresenta-se como isenta de certa identificação discriminada socialmente e isso, efetivamente, leva a uma diversidade de sujeitos homens se conectarem por esta atividade.

## Práticas de 'Pegação' Homoerótica na Cidade de Vitória da Conquista (BA)

Nossa pesquisa se desdobrou em diferentes encontros e possibilidades de reflexões sobre as relações de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo com o espaço. Partimos do pressuposto que existe uma temática básica que nos guia, mas as descobertas se configuram como múltiplas e dependem dos sujeitos que encontramos e que se tornam colaboradores, digamos, mais do que isto, se tornam sujeitos efetivos que movimentam as reflexões do pesquisador. Para nós a pesquisa se enquadra em um conjunto de descobertas e, neste sentido, deixamos que os fatos fluam em relação nossas experiências empíricas e dialógicas nos espaços e sujeitos que conhecemos ao longo do processo. Nosso dever aqui é organizar uma 'voz' que alia sujeitos e lugares que conhecemos, assim como reflexões próprias talvez baseadas em um conjunto de conceitos e teorias que

**Benhur Pinós da Costa**



## Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

partilhamos. Vitória da Conquista foi uma descoberta de certa forma inusitada. É certo que o projeto já tinha visualizado uma configuração urbana interessante de conhecer e estudar, ou seja, uma cidade média próxima à configuração interurbana de Santa Maria, longe da capital do Estado. Por ser um centro regional, de tamanho médio e por acolher um mercado diversificado assim como algumas universidades, a cidade torna-se lugar atrativo à imigração. Nesta cidade entramos em contato com inúmeros sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo, provenientes de outras cidades menores, que veem em Vitória da Conquista um lugar que possibilita um melhor exercício de sua sexualidade. É fato de que a cidade encontra ainda muitas questões complicadas de aceitação das diversidades sexuais, mas por outro lado existem sujeitos que levam a sério sólidas políticas contra preconceito e discriminação.

O grande desafio de conhecer a cidade foi talvez encontrar alguém que pudesse fazer certos contatos e nos mostrar certas dinâmicas socioespaciais referentes ao cotidiano de sujeitos de interesse da pesquisa.

Para encontrar tal sujeito recorreremos aos contatos que tínhamos. Em Salvador contamos, assim, com a ajuda do professor Luiz Mott, fundador do Grupo Gay da Bahia. Prontamente o professor nos forneceu o contato de Danillo Bittencourt, que atualmente é Assessor Técnico de Políticas para a Diversidade Sexual da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. Danillo foi importante em todos os momentos que estivemos na cidade, principalmente por organizar grupos que pudemos entrevistar para entender melhor o cotidiano homoafetivo da cidade. Também nos mostrou alguns lugares de socialidade como bares e boates, o que nos fez surpreender muito com o desenvolvimento de um mercado GLS em Vitória da Conquista. Foram ricos os

conhecimentos que obtivemos com Danillo e seus companheiros sobre a vida e as lutas pelo reconhecimento, mas muitas dessas descobertas irão ser exploradas em outro momento. Neste artigo queremos nos centrar as questões de 'pegação' homoerótica, como práticas espaciais de sujeitos orientados para o mesmo sexo em diferentes contextos urbanos. Em 'Conquista' quem nos indicou a relação de um circuito espacial de 'pegação' foi Danillo, embora não tenha nos acompanhado nas observações, que fizemos sozinhos 'encarnando' a figura de um próprio sujeito que pratica a 'pegação'.

Em primeiro momento tivemos a oportunidade de entrevistar no domingo, 24 de março de 2013, um grupo de sujeitos amigos de Danillo. Fomos muito bem recebidos na casa de Antônio, que organizou um almoço e, pelo que notei, é a pessoa que mantém a união sólida do grupo. Primeiramente notamos que o grupo é bastante atuante nas ações de reconhecimento das diversidades sexuais na cidade, assim como todos se apresentam já bem posicionados socialmente, trabalhando e vivendo uma vida comum. Dentre os amigos entrevistados tínhamos a presença de dois casais homoafetivos e entre tantos assuntos que tivemos chegou-se o momento do pesquisador tentar explorar a questão da 'pegação' e da espacialização dela.

Prontamente os casais homoafetivos definiram a 'pegação' como uma atividade um tanto danosa a manutenção de um relacionamento sério entre casais homoafetivos. Não necessariamente eles vincularam a 'pegação' com a necessidade de manutenção da fidelidade sexual entre casais, mas principalmente vincularam esta ação com as intrigas muito presentes no meio social LGBT. Neste sentido, pudemos manter uma prova discursiva de sujeitos LGBT's que indicam que entre uma população LGBT local a prática da 'pegação' ainda é

## Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

considerada como um 'tabu' e que argumentam que, embora o preconceito quanto a isto, muitos em algum momento efetivaram esta prática. Não queremos dizer que seja 'tabu' para os sujeitos que entrevistamos. Tais sujeitos encararam esta prática como normal a toda população LGBT e a outros sujeitos (principalmente) não pertencentes a esta população (mas que em lugares de “pegação” podem manter relações homoeróticas esporádicas).

Estes sujeitos entrevistados argumentaram o caráter discriminatório entre os próprios gays sobre a 'pegação'. Muitas destas ações discriminatórias são estabelecidas principalmente para provocar desavenças entre casais homoafetivos. Neste sentido, muitas vezes quando certa pessoa é vista no banheiro que é conhecido como lugar de 'pegação', rapidamente ocorre a notícia que tal sujeito está 'pegando' e isto acaba sempre chegando ao âmbito das relações do casal, sendo caracterizada como ação transgressiva aos votos de respeito entre eles e, assim, provocando brigas e separações. Chamamos atenção a estória contada por um entrevistado (que não compunha um dos casais homoafetivos presentes). Segundo ele fora ao banheiro da 'Panvicon' (depois explicaremos esta configuração espacial) e outro rapaz o notou e o flertou. Prontamente o rapaz perseguiu nosso entrevistado que negou o contato dizendo que era 'casado' (estava ele em um relacionamento sério no período). Depois de um tempo este mesmo rapaz que o 'paquerou' estava mantendo relações afetivas com sua cunhada (irmã do companheiro de nosso entrevistado). Tal rapaz então confidenciou a cunhada de nosso entrevistado que ele 'não saia do banheiro da Panvicon' (isto configurava uma mentira, segundo argumento do entrevistado). A própria cunhada então fora espalhar a mentira que acabou chegando 'aos ouvidos' do companheiro de nosso entrevistado,

provocando assim uma desavença entre eles.

Neste sentido, observamos o caráter transgressivo das ações de 'pegação' entre a população LGBT, o que é menos visível entre homens que fazem sexo entre homens e que não pertencem a população LGBT, pois estar no banheiro, mesmo que pegando, não configura o ato sexual. Entre a população LGBT estar no banheiro fazendo alguma necessidade fisiológica pode ser configurado como 'pegação', mesmo não sendo e assim, repercute em intrigas e ações discriminatórias em relação a quem estava no banheiro. Parece-nos que existe um preconceito e uma determinação da transgressão ao contrário. Entre supostos héteros que 'pegam' no banheiro isto se configura a uma proteção às práticas homoeróticas; à população LGBT simplesmente por estar no banheiro ocorre uma identificação de 'pegação' e assim repudiada por muitos (mesmo que todos o façam e mesmo aquele que faz a intriga esteja também 'pegando').

Após obtermos informações sobre lugares de 'pegação' em Vitória da Conquista, com ajuda de nossos amigos entrevistados e de Danilo Bittencourt, fomos para o campo também encenar a 'pegação'. Interessante que já na primeira vez que nos dirigíamos aos lugares onde estavam localizados os banheiros encontramos um dos entrevistados que justamente tínhamos discutido a questão da 'pegação' no banheiro. Este sujeito é vendedor de uma loja do centro e por ter encontrado ele ficamos com certo receio de sermos identificados na atividade de 'pegação'. Embora não estivéssemos efetivamente 'pegando', a circulação nos lugares evidenciados por nossos colegas e toda a discussão sobre transgressão do ato nos deixou de certa forma com receio de sermos identificados com a prática - como se uma carga de preconceito pairasse sobre nós, mesmo nós não sendo da cidade e mesmo estando apenas pesquisando. Mas acabamos

### Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

circulando pelos lugares indicados e efetivamente notamos práticas discretas de 'pegação'.

São muito interessantes as conexões espaciais que envolvem as práticas de 'pegação' homoerótica: elas ligam três banheiros distintos mas que estão muito próximos; primeiramente o banheiro público do terminal central de ônibus, na Avenida Lauro de Freitas; o banheiro de um centro comercial (galeria) denominada Panvicon (o banheiro do segundo piso); e o banheiro localizado na feira do Ceasa, mas precisamente na Rua Joaquim Nabuco. A galeria comercial da Panvicon apresenta duas portas de entrada e saída, uma para o terminal de ônibus e outra para a feira do Ceasa, assim a conexão entre os banheiros é muito fácil e permite circulação de sujeitos interessados em práticas homoeróticas. Notamos também que esta região é extremamente movimentada, principalmente a galeria. Novamente observamos as mesmas práticas de flerte e insinuações sexuais de homens que se localizam próximos aos mictórios. No banheiro da Panvicon os homens localizam-se também estrategicamente nas pias e observam discretamente outros manipulando os órgãos sexuais nos mictórios. Todas as ações são estabelecidas de forma muito discreta e camuflada e podem culminar no deslocamento dos sujeitos para as cabines do banheiro, que permite inclusive um esconderijo perfeito aos atos sexuais (em ambos os banheiros: da Panvicon e do Ceasa, principalmente).

Já na primeira vez que estivemos no banheiro da Panvicon no final da tarde de segunda-feira (25 de março de 2013), estávamos subindo a escada que dá acesso ao banheiro e um rapaz de aproximadamente 25 anos nos olha fulminantemente na escada. Desde já notamos que tal sujeito estava 'pegando' no banheiro. Testamos sua disposição homoerótica dando uma olhada

para trás, mas seguimos subindo a escada em direção ao banheiro, lá encontramos outro rapaz se insinuando no mictório. Estávamos localizados na pia (conforme dizemos anteriormente) e logo o rapaz que nos olhou nas escadas entra no banheiro e se dirige ao mictório logo a mostrar seu órgão sexual e a olhar mais fixadamente. Notamos que estávamos satisfeitos com o ocorrido e decidimos ir ao banheiro público do Ceasa, deixando os rapazes na sua busca sexual. No caminho ao banheiro da rua (Ceasa) paramos em uma vitrine, pois nos chamou atenção alguns artigos de vestuário e nos surpreendemos ao notar o rapaz passar e continuar nos olhando. Decidimos então discretamente continuar nossa caminhada até o outro banheiro e assim notamos que ele se posicionara na frente do banheiro do Ceasa a nos olhar e a fazer gestos para nos aproximarmos. Neste dia não conseguimos adentrar o banheiro do Ceasa, pois isto culminaria em uma aproximação mais efetiva do sujeito que falamos e também porque a noite já caía e nos sentimos com receio de outras formas de abordagens.

Para concluir então, observamos que esta prática também é comum em banheiros públicos da cidade de Vitória da Conquista, assim como de Presidente Prudente. Também queremos chamar atenção que em outros banheiros de outras cidades que conhecemos estas práticas se repetem e possuem formas muito parecidas de interações homoeróticas: tanto em cidades grandes com São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Manaus; como em outras cidades menores como a que vivemos (em Santa Maria no Rio Grande do Sul). Percebemos então que isto configura certas práticas cotidianas de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo, mesmo que pertençam ou não a população LGBT e elas representam marcas de comportamentos que se repetem.

### **Considerações Finais: Espaços, Formas e Agires Relacionados a 'Pegação' Homoerótica**

As práticas de 'pegação' homoeróticas são comuns em diferentes espaços. Atualmente elas podem estar relacionadas a apropriações discretas de partes do espaço público (em praças, parques, ruas e banheiros públicos) e também representarem ações concretas em espaços privados (equipamentos comerciais destinados a 'pegação' como casas de sexo, vídeos locadoras de vídeos pornográficos, saunas e casas de massagem, casas de prostituição, boates e bares que organizam lugares específicos a isto, mas também banheiros de lojas, supermercados e shoppings, além de estacionamentos e etc.).

No caso deste texto, enfocamos as práticas de 'pegação' homoerótica em banheiros públicos e esse fenômeno implica uma apropriação discreta de um espaço que está e foi configurado não necessariamente para tais práticas. Os banheiros públicos abrigam, ao mesmo tempo, uma funcionalidade socialmente construída e outra funcionalidade 'subterrânea' e/ou transgressiva a funcionalidade primeira. Neste sentido, o que ocorre é um conflito de práticas e funcionalidades que configuram um espaço social. Este espaço, assim, apresenta-se ao mesmo tempo como um reflexo e como um determinante dos próprios conflitos em sociedade a respeito da organização de sexualidades normais e subalternas. Os banheiros públicos, por exemplo, configuram debates sociais a respeito de suas frequências. Na própria cidade de Presidente Prudente ocorreu um embate público a respeito da necessidade das travestis utilizarem o banheiro feminino da rodoviária da cidade, mas isto se desdobra também em outras partes do Brasil e do mundo. Neste sentido, apontamos que as práticas de 'pegação' homoerótica em banheiros públicos

apropriam-se, mesmo que muito discretamente, de um espaço que não apresenta uma ideia inicial (o 'concreto pensado' discutido por Silveira, 1999) de configurar práticas sexuais entre homens, mas pensamos que desde que banheiros públicos são banheiros estas práticas ocorrem (seria muito interessante construir uma genealogia dos usos e convivências em banheiros públicos). O que ocorre então são forças em conflito que tendem a ação e a tensão homoerótica de transgredir um propósito espacial primeiro, mas que tal propósito já se apresenta como uma possibilidade de ser transgredida (um lugar frequentado somente por homens cujo propósito inicial, de urinar por exemplo, está muito próximo as práticas homoeróticas, como a manipulação dos órgãos sexuais).

Observamos então um conflito que se produz quase que de forma universal, embora neste texto quiséssemos focar os dados de uma pesquisa que se limita a duas cidades brasileiras, que inclusive não se configuram como grandes cidades abarcadas por um movimento social LGBT mais intenso. É interessante então o teor territorial contido nesta análise dos banheiros públicos: nos banheiros se territorializam socialmente a funcionalidade de satisfazer necessidades fisiológicas, mas isto é tensionado por um conjunto de táticas de interações que configuram o prazer e o desejo homoerótico. Existe aqui um conjunto de energias em conflito: o confronto entre certos repúdios às práticas homoeróticas (que podem ser institucionais, pois na pesquisa, por exemplo, nosso colaborador disse que frequentemente a polícia reprime tais práticas, assim como a simples presença do zelador do banheiro coíbe a ação espontânea de tais sujeitos) e as próprias práticas homoeróticas que persistem em acontecer mesmo perante um conjunto de ações que as repudiam (daí a ação tática e discreta que vem acompanhada sempre com

## Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

um teor de 'adrenalina' e esta sensação representa justamente a energia que movimenta tal ação). Neste sentido as práticas de 'pegação' homoerótica microterritorializam nos banheiros públicos masculinos e estas microterritorializações apresentam-se como um conjunto cotidiano e tênue de ações em conflito.

Tais práticas, como vimos, apresentam um conjunto de características marcantes que podemos elencar a seguir:

1) Fazem relacionar um conjunto diverso de sujeitos homens nos quais não ocorre exatamente uma tensão significativa de repúdio e discriminação entre faixas etárias, segmentos sociais e de renda, assim como forma de apresentação pessoal (inclusive certas formas de apresentação pessoal não cultuadas socialmente podem adquirir certo teor de 'fetiche' na interação sensual/sexual);

2) Apresenta o determinante da relação sensual com padrões de masculinidades estabelecidos (homem másculo), mas tal padrão pode ser flexibilizado durante as interações, assim como muitas encenações e representações são reproduzidos para garantir a atratividade sexual;

3) As ações sexuais propriamente ditas (papéis mais passivos e papéis mais ativos que poderiam remeter a tipos mais femininos e tipos mais masculinos, respectivamente) tentem a ser tensionados podendo ocorrer a determinação de certos papéis ou a flexibilidade destes. Isto inclusive pode ser tensionado em relação a um suposto sujeito heterossexual que se utiliza das práticas de 'pegação' em banheiros públicos para exercer um papel sexual construído socialmente como mais feminino (como por exemplo, ser penetrado durante a relação sexual);

4) As práticas de 'pegação' se abrem a um amplo espectro de possibilidades de ação. Elas não necessariamente podem configurar o ato sexual em si, mas se vincularem somente

a arte de exibição e de observação sensual;

5) As ações de 'pegação' são acompanhadas sempre de certa 'adrenalina', pois estão muito propensas ao repúdio daqueles que se quer interagir, assim como de outros atores institucionais ou simplesmente pelo perigo de ser reconhecido socialmente praticando determinado ato;

6) As interações estabelecidas nos banheiros muitas vezes não se concluem naqueles espaços, podem conectar outros espaços como motéis e outras partes do espaço público, assim como as próprias residenciais dos sujeitos;

7) Geralmente as práticas de 'pegação' em banheiros públicos estão vinculadas a 'diversão sexual', mas podem vir acompanhadas com outras práticas como a de ganhos financeiros ou trocas de favores, assim como atreladas a outras práticas ilícitas como o tráfico de drogas;

8) Existe um conjunto de encenações e corporificações sociais que podem configurar a apresentação pessoal do sujeito em 'pegação'. Como observamos os sujeitos se apresentam como fazendo outras coisas que não exatamente 'pegando'. Quando um banheiro público está em um parque, por exemplo, muitos sujeitos misturam ou encenam interesses que camuflam a 'pegação', como práticas de exercícios físicos, passeios, descanso ou caminhadas. A 'pegação' assim pode estar relacionada às práticas de lazer, mas em muito representam certos momentos livres em horários de trabalho (muitas vezes a atividade de 'pegação' acontece principalmente em horários de trabalhos aonde o ir e vir de pessoas no espaço urbano relacionado com fluxos de funcionalidade permite que a pessoa se desloque ao banheiro para 'pegar', mas a representação social de ir ao banheiro camufla este objetivo);

9) as interações nos recintos dos banheiros são estabelecidas por um conjunto de

## Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

sutilezas em primeiro momento são mais discretas, mas quando se observa o interesse mútuo os comportamentos sexuais tornam-se mais evidentes;

10) podem ocorrer interações pessoais cotidianas mais intensas com os banheiros públicos e as práticas de 'pegação'. Certos sujeitos passam longos períodos de seu dia (ou algum dia da semana) envolvidos com estas práticas e praticamente se territorializam nos locais de 'pegação'. Por outro lado, para outros sujeitos, isto se dá de forma muito esporádica mesmo que ao longo de sua trajetória de vida, em determinada cidade, a conexão com o banheiro se vincule a possibilidade de satisfazer o desejo homoerótico e, por isto, represente um conjunto de práticas marcantes em si. Por outro lado, certos sujeitos formam grupos de socialidade muito vinculados às interações estabelecidas em banheiros públicos, ou seja, o ir e vir de homens e as atividades sexuais apresentam-se como uma diversão a certos sujeitos LGBT's que acabam se socializando e localizando esta socialização nas proximidades do banheiro público (como é o caso dos bancos do parque próximos ao banheiro da 'rotatória' em Presidente Prudente);

11) Por um lado a prática de 'pegação' não define identidade para muitos sujeitos homens que praticam sexo com outros homens e, dessa forma, estão protegidos de uma discriminação social ao agirem sexual e homoeroticamente nestes lugares. Por outro lado, existe certo preconceito perante a população LGBT sobre estas práticas e muitos a repudiam, sendo elas alvo de conchavos e intrigas entre conhecidos. Verificamos que existe um preconceito 'ao contrário', enquanto para alguns a 'pegação' no banheiro público é uma oportunidade de viver seus desejos e não ser discriminado e reconhecido como homossexual, para outros reconhecidos como homossexuais ocorre uma

discriminação ao serem visto em um banheiro público, pois isto representa um ato repudiado por muito que representam a população LGBT. Entre a população LGBT é comum as experiências em espaço público, mas elas nunca podem ser vistas ou reconhecidas por sujeitos próximos, pois isto poderá "manchar" a boa reputação social.

Assim sendo existe um conjunto de complexidades que define as práticas de 'pegação' homoerótica e elas estão vinculadas a espacialidades singulares. Neste trabalho tentamos dar vazão a uma ação social comum nos espaços urbanos de grandes e pequenas cidades. Procuramos aqui tornar clara uma geografia invisível aos olhos da sociedade e da própria ciência. Não queremos, neste trabalho, aprisionar teoricamente estas ações sociais, mas sim tornar claro elas dentre muitas outras que ocorrem em sociedade. Nosso propósito é tornar possível certas vivências e práticas e pela visibilidade e tornar comum certos desejos e ações. Esperamos ter contribuído a certas reflexões.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é um produto da pesquisa 'Cidades brasileiras, espaço público e diversidades culturais: o caso das microterritorializações de expressões homoeróticas e/ou homoafetivas', financiadas pelo CNPq mediante projeto aprovado no edital chamada Universal 14/2012.

<sup>2</sup> Vamos utilizar a palavra 'paquera' (gíria popular) como sinônimo de flerte.

<sup>3</sup> Esta prática é chamada de cruising (na língua inglesa) e de engate (na língua portuguesa em Portugal). O artigo de Fernando Ramirez Arcos (2013) é bastante interessante para entender estas práticas em Bogotá na Colômbia.

## Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)

<sup>4</sup> Em Porto Alegre, por exemplo, existem casas que são locadoras especializadas em vídeos pornográficos. Além do aluguel e venda destes vídeos podem também conter (geralmente em espaços discretos) salas de vídeo coletivas e individuais assim como ambientes para sexo coletivo (que reproduzem corredores e salas escuras como labirintos por onde os sujeitos transitam buscando alguma atividade sexual).

<sup>5</sup> Digamos que a prática de 'pegação' é mais intensa em cidades em que o sujeito não é residente, principalmente porque o trânsito para outra cidade em caráter de período de viagem de trabalho ou de lazer possibilita o distanciamento das 'amarras' heteronormativas na cidade de residência, principalmente quanto tal sujeito reproduz uma vida heterossexual e familiar e, mais esporadicamente, convive com práticas homoeróticas.

### Referências

- ARCOS, Fernando Ramírez. Cuestionamientos a la Geografía a partir del Cruising entre Hombres en Bogotá. **Revista Latino-Americana de Geografía e Gênero**, v. 4, n. 2, p. 134 – 147, 2013.
- COSTA, Benhur Pinós da. **A condição homossexual e a emergência de territorializações**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre.
- \_\_\_\_\_. Espaço urbano, cotidiano, cultura e espaços de proximidade: o caso das microterritorializações de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo. In: RIBEIRO, Miguel Angelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva. **Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na Geografia brasileira**. Rio de Janeiro: Gramma, 2011, p. 147 – 166.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994.
- GIDDENS, Anthony. **Identidade e modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. *Sociologias*, ano 11, número 21, p. 150-182, jan/jul, 2009.
- PARKER, Richard. **Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. São Paulo: Record, 2002.
- PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: a prostituição viril**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PERLONGHER, Nestor. Territórios marginais. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo. (Org.) **Homossexualismo em São Paulo: outros escritos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005, p 263-290.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SACK, Robert. **Human territoriality. Theory and History**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SAHR, Wolfgang-Dietrich. Signos e espaço mundos – A semiótica da espacialização na Geografia Cultural In: KOZEL, Salet; SILVA, Josué da Costa; GIL Filho, Silvio Fausto

**Práticas Espaciais de 'Pegação' Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA)**

(Org.) **Da percepção e cognição à representação**: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007, p. 57-79.

SAHR, Wolfgang-Dietrich. Ação e Espaços MUNDOS – a concretização de espacialidades na Geografia Cultural. In: SERPA, Ângelo. **Espaços culturais**: vivências, imaginações e representações. Edufba: Salvador, 2008, p. 33 – 57.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Vozes: Petrópolis, 2012.

SILVA, Alexandre. **Processos de territorialização em espaços marginais**: estudo exploratório e descritivo das vivências de homens que fazem sexo com outros homens na cidade de Praia Grande/SP. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Programa Interdisciplinar em Ciências da Saúde, Universidade Federal de São Paulo, Santos-SP.

SILVA, Joseli Maria (Org.). **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVEIRA, Maria Laura. Uma situação geográfica: do método a metodologia. **Revista Território**, ano IV, n. 6, p. 21 – 28, jan./jun. 1999.

Recebido em 14 de maio de 2013.  
Aceito em 12 de outubro de 2013. .

Benhur Pinós da Costa